

Ministério da Cultura, Fundação Bienal de São Paulo e Itaú apresentam

Pavilhão do Brasil na 18. Mostra Internacional de Arquitetura – La Biennale di Venezia

Sob o título Terra, a representação do Pavilhão do Brasil na Biennale Architettura 2023 propõe repensar o passado e desenhar possíveis futuros, trazendo para o centro agentes esquecidos pelos cânones arquitetônicos, em diálogo com a curadoria da edição, Laboratory of the Future.

São Paulo, 30 de março de 2023 – A Fundação Bienal de São Paulo divulga o projeto que ocupará o Pavilhão do Brasil na **18. Mostra Internacional de Arquitetura**, La Biennale di Venezia [Bienal de Veneza]. A exposição tem curadoria conjunta dos arquitetos **Gabriela de Matos e Paulo Tavares** e conta com a **participação dos seguintes colaboradores, agora anunciados**: povos indígenas Mbya-Guarani; povos indígenas Tukano, Arawak e Maku; Tecelãs do Alaká (Ilê Axé Opô Afonjá); Ilê Axé Iyá Nassô Oká (Casa Branca do Engenho Velho); Ana Flávia Magalhães Pinto; Ayrson Heráclito; Day Rodrigues com colaboração de Vilma Patrícia Santana Silva (Grupo Etnicidades FAU-UFBA); coletivo Fissura; Juliana Vicente; Thierry Oussou e Vídeo nas Aldeias.

Partindo de uma reflexão entre o Brasil de ontem, o de hoje e aquele porvir, a mostra coloca a terra no centro do debate tanto como poética quanto elemento concreto no espaço expositivo. Para isso, todo o pavilhão será aterrado, colocando o público em contato direto com a tradição dos territórios indígenas e quilombolas, além dos terreiros de candomblé.

“Nossa proposta curatorial parte de pensar o Brasil enquanto terra. Terra como solo, adubo, chão e território. Mas também terra em seu sentido global e cósmico, como planeta e casa comum de toda a vida, humana e não humana. Terra como memória, e também como futuro, olhando o passado e o patrimônio para ampliar o campo da arquitetura frente às mais prementes questões urbanas, territoriais e ambientais contemporâneas”, contam os curadores.

Elementos de habitações populares brasileiras estão presentes na mostra já na entrada no pavilhão brasileiro, em contraste com os traços modernistas do prédio, caso dos gradis com o símbolo *sankofa* – pertencente a um sistema de escrita africano denominado Adinkra, dos povos acã da África ocidental, que foi muito usado nos desenhos de gradis, podendo ser visto em grande parte das cidades brasileiras, e quer dizer "olhar para o conhecimento de nossos antepassados em busca de construir um futuro melhor".

A primeira galeria do pavilhão modernista é chamada pelos curadores de **“De-colonizando o Cânone”**, questionando o imaginário em torno da versão de que Brasília, capital do Brasil, foi



construída em meio ao nada, uma vez que indígenas e quilombolas que habitavam o lugar já eram retirados da região desde o período colonial, sendo finalmente empurrados para as periferias com a imposição da cidade modernista. Desse modo, o que se pretende expor é uma imagem territorial, arquitetônica e patrimonial mais complexa, diversa e plural da formação nacional e da modernidade no Brasil, apresentando outras narrativas por meio de arquiteturas, paisagens e patrimônios negligenciados pelo cânone arquitetônico. Com múltiplos formatos, as obras que preenchem a galeria vão da projeção de uma obra audiovisual da cineasta Juliana Vicente e criada em conjunto com a curadoria, comissionada para a ocasião, passando por uma seleção de fotografias de arquivo, organizada pela historiadora Ana Flávia Magalhães Pinto, ao mapa etno-histórico do Brasil de Curt Nimuendajú e o mapa Brasília Quilombola, mapa comissionado especialmente para mostra.

A segunda galeria, batizada de “**Lugares de Origem, Arqueologias do Futuro**”, nos recepciona com a projeção do vídeo de Ayrson Heráclito – *O Sacudimento da Casa da Torre e o Sacudimento da Maison des Esclaves em Gorée*, de 2015 – e se volta para as memórias e a arqueologia da ancestralidade. Ocupada por projetos e práticas socioespaciais de saberes indígenas e afro-brasileiros acerca da terra e do território, a curadoria parte de cinco referências essenciais: Casa da Tia Ciata, no contexto urbano da Pequena África no Rio de Janeiro; a Tava, como os Guarani chamam as ruínas das missões jesuítas no Rio Grande do Sul; o complexo etnogeográfico de terreiros em Salvador; os Sistemas Agroflorestais do Rio Negro na Amazônia; e a Cachoeira do Iauaretê dos Tukano, Arawak e Maku. A exibição demonstra o que várias pesquisas científicas comprovam: que terras indígenas e quilombolas são os territórios mais preservados do Brasil, e assim apontar para um futuro pós-mudanças climáticas onde “decolonização” e “descarbonização” caminham de mãos dadas. Suas práticas, tecnologias e costumes ligados ao manejo e produção da terra, como outras formas de fazer e de compreender a arquitetura, estão situadas na terra, são igualmente universais e carregam em si o conhecimento ancestral para ressignificar o presente e desenhar outros futuros, tanto para as comunidades humanas quanto para as não humanas, em direção a outro futuro planetário.

Para José Olympio da Veiga Pereira, presidente da Fundação Bienal de São Paulo: “A Mostra Internacional de Arquitetura da Biennale di Venezia é um espaço privilegiado para o debate das questões mais urgentes em arquitetura e urbanismo, campo que, em última instância, reflete sobre nossas dinâmicas de vida a partir do uso e compartilhamento de espaços comuns, enquanto sociedade. Em um momento de grandes desafios enfrentados pela humanidade, realizar a exposição proposta pelos arquitetos Gabriela de Matos e Paulo Tavares é uma maneira de dar visibilidade a pesquisas e práticas que podem contribuir para a elaboração coletiva de nosso futuro”.

Sobre os curadores

Fundação Bienal de São Paulo

Parque Ibirapuera · Portão 3 · Pavilhão Ciccillo Matarazzo

04094-000 · São Paulo · SP · Brasil

www.bienal.org.br

Gabriela de Matos é arquiteta e urbanista afro-brasileira, nascida no Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, e cria projetos multidisciplinares com o objetivo de promover e destacar a cultura arquitetônica e urbanística brasileira, a partir das lentes de raça e gênero. É graduada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC Minas (2010) e especializou-se em sustentabilidade e gestão do ambiente construído pela UFMG. Mestranda do Diversitas – Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP. Atualmente é professora na graduação de arquitetura e urbanismo da Escola da Cidade. É CEO do Estúdio de Arquitetura – Gabriela de Matos, criado em 2014. Foi co-presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil no departamento de São Paulo, gestão (2020-2022). É fundadora do projeto *Arquitetas negras* (2018), que mapeia a produção de arquitetas negras brasileiras. Pesquisa arquitetura produzida em África e sua diáspora com foco no Brasil. Entre outras, propõe ações que promovam o debate de gênero e raça na arquitetura como forma de dar visibilidade à questão. Foi premiada como Arquiteta do Ano 2020 pelo IAB RJ.

Paulo Tavares explora as interfaces entre arquitetura, culturas visuais, curadoria, teoria e advocacia. Operando através de múltiplas mídias e meios, seu trabalho abre uma arena colaborativa voltada para a justiça ambiental e contra-narrativas na arquitetura. Seus projetos e textos foram apresentados em várias exposições e publicações nacionais e internacionais, incluindo *Harvard Design Magazine*, *The Architectural Review*, Oslo Architecture Triennial, Istanbul Design Biennale, e a 32ª Bienal de São Paulo – *Incerteza viva*. Tavares foi cocurador da Bienal de Arquitetura de Chicago 2019 (EUA) e, atualmente, é membro do conselho curatorial da segunda edição da Trienal de Arquitetura de Sharjah 2023 (EAU). Foi curador dos projetos *Acts of Repair* (Preston Thomas Memorial Symposium, Universidade de Cornell, EUA), e *Climate Emergency > Emergence*, no Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT) de Lisboa (Portugal). Tavares é autor de vários textos e livros que questionam os legados coloniais da modernidade, incluindo *Forest Law/Floresta Jurídica* (2014), *Des-Habitat* (2019), *Memória da terra* (2019), *Lúcio Costa era racista?* (2020), e *Derechos No-Humanos* (2022). Seus projetos de design também são apresentados na Bienal deste ano no pavilhão do Arsenal.

Sobre a participação brasileira na 18ª Mostra Internacional de Arquitetura da Biennale di Venezia

A prerrogativa da Fundação Bienal de São Paulo na realização da representação oficial do Brasil nas bienais de arte e arquitetura de Veneza é fruto de uma parceria de décadas com o Governo Federal, que outorga à Fundação Bienal a responsabilidade pela nomeação da curadoria e pela concepção e produção das mostras em reconhecimento à excelência de seu trabalho no campo artístico-cultural. Organizadas com o intuito de promover a produção artística brasileira no mais tradicional evento de arte do mundo, as exposições ocorrem no Pavilhão do Brasil, projetado por Henrique Mindlin e construído em 1964.

Pavilhão do Brasil na 18ª Mostra Internacional de Arquitetura – La Biennale di Venezia

Exposição: *Terra*

Comissário: José Olympio da Veiga Pereira, Presidente da Fundação Bienal de São Paulo

Curadoria: Gabriela de Matos e Paulo Tavares

Participantes: Ana Flávia Magalhães Pinto; Ayrson Heráclito; Day Rodrigues com colaboração de Vilma Patrícia Santana Silva; coletivo Fissura; Ilê Axé Iyá Nassô Oká (Casa Branca do Engenho Velho); Juliana Vicente; povo indígena Mbya-Guarani; povos indígenas Tukano, Arawak e Maku; Tecelãs do Alaká (Ilê Axé Opô Afonjá); Thierry Oussou; Vídeo nas Aldeias

Local: Pavilhão do Brasil

Fundação Bienal de São Paulo

Parque Ibirapuera · Portão 3 · Pavilhão Ciccillo Matarazzo

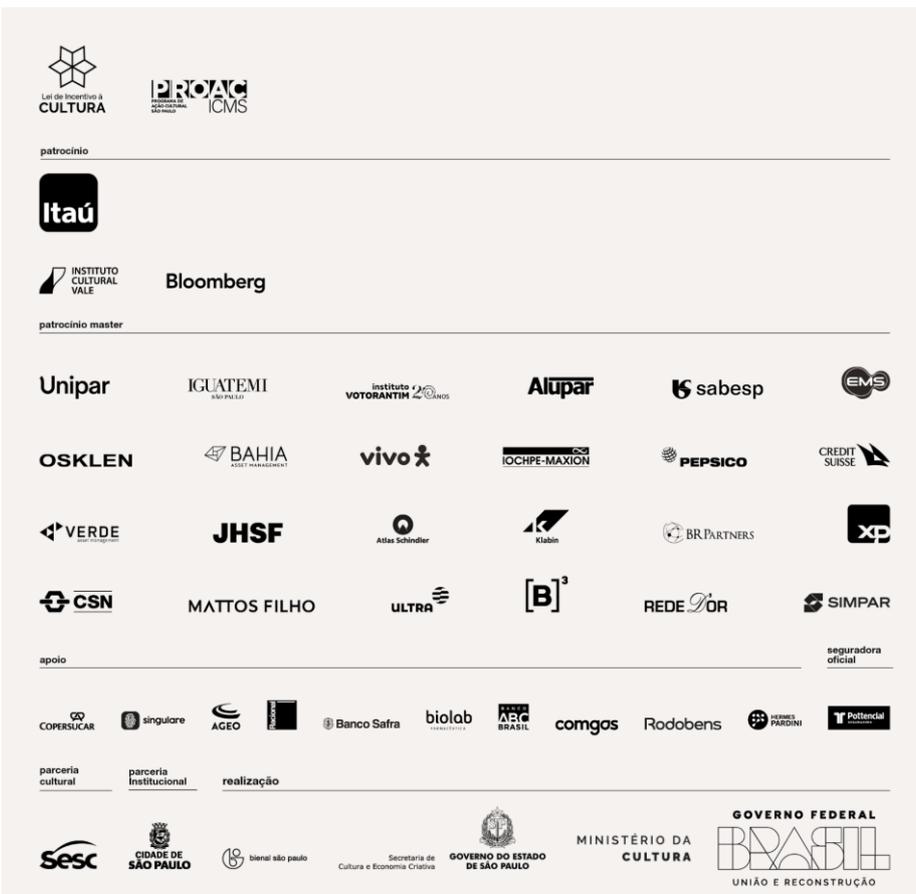
04094-000 · São Paulo · SP · Brasil

www.bienal.org.br



Endereço: Giardini Napoleonici di Castello, Padiglione Brasile, 30122, Veneza, Itália

Data: 20 de maio a 26 de novembro de 2023



patrocínio

Lei de Incentivo à CULTURA | PROVAO | ICMS

Itaú

INSTITUTO CULTURAL VALE | **Bloomberg**

patrocínio master

Unipar | IGUATEMI | Instituto VOTORANTIM | Alupar | sabesp | EMS

OSKLEN | BAHIA | vivo | IOCHPE-MAXION | Pepsico | CREDIT SUISSE

VERDE | JHSF | Atlas Schindler | Klabin | BR PARTNERS | XP

CSN | MATTOS FILHO | ULTRA | [B]³ | REDE D'OR | SIMPAR

apoio

COPERSUCAR | singulare | AGEO | Banco Safra | biolab | AIG BRASIL | comgos | Rodobens | PIRELLI PARDINI | Potlatch

seguradora oficial

parceria cultural | **parceria institucional** | **realização**

Sesc | CIDADE DE SÃO PAULO | bienal são paulo | Secretaria de Cultura e Economia Criativa | GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO | MINISTÉRIO DA CULTURA | GOVERNO FEDERAL BRASIL | UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Participação brasileira na Bienal de Veneza

realização

bienal são paulo | AMBASCATA DEL BRASILE | MINISTÉRIO DA CULTURA | MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES | GOVERNO FEDERAL BRASIL | UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Fundação Bienal de São Paulo

Parque Ibirapuera · Portão 3 · Pavilhão Ciccillo Matarazzo
04094-000 · São Paulo · SP · Brasil
www.bienal.org.br